

DO PAPEL ÀS TELAS: NOVAS PERSPECTIVAS DO PROCESSO EDUCACIONAL

LAUGHTON, Patrícia Braga Ferreira

Mestranda em Letras/Estudos Literários na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

RESUMO

Este artigo objetiva fazer uma reflexão acerca do ensino da língua portuguesa nessa nova era tecnológica, abordando principalmente a modalidade de escrita dos internautas, o internetês, e suas repercussões para o processo educacional, focando principalmente os resultados das provas de redação do Enem 2014. Pretende-se retomar as discussões a respeito da importância da formação do hábito de leitura e da escrita e o importante papel da escola nessa intermediação entre a linguagem dos novos meios de comunicação e a linguagem, dita tradicional. Para a análise, considerar-se-ão os estudos de Paulo Freire (1997), Marisa Lajolo (1993), Luiz Carlos Cagliari (1997) e outros.

Palavras-chave: Tecnologia; Internetês; Processo educacional.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda um tema considerado lugar-comum: o uso dos novos meios de comunicação na educação e sua relação com a linguagem. E por que a ideia de abordar um lugar comum como esse? Esse tema não se esgotou ou nunca irá se esgotar porque a crise na educação parece perpetuar-se ano após ano. Ancorando em Paulo Freire (1997), ao falar sobre alfabetização em seu livro *A importância do ato de ler*, para sustentar este tema: “Parece-me interessante salientar que o fato de haver tratado várias vezes este assunto não mata em mim nem sequer diminui um certo estado de espírito, típico de quem discute pela primeira vez um tema. É que, para mim, não há assuntos encerrados.” (FREIRE, 1997, p. 36, grifo meu). E nas palavras de Carla Viana Coscarelli (2006), em seu texto *Entre textos e hipertextos*, “a linguagem jamais ficaria fora de tantas mudanças. Pergunta-se: o que muda na representação da linguagem com tantos avanços tecnológicos?” (COSCARELLI, 2006, p.65). E o que veio corroborar para a escolha dessa temática foi o triste retrato do cenário educacional brasileiro: os resultados do ENEM/2014, cujas redações zeradas atingiram o alarmante número de mais de 500.000 e o relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) mostrando que somente um terço

dos países alcançou as seis metas previstas para um período de 15 anos, que seria do ano 2000 a 2015, figurando o Brasil entre esses países que não atingiram as metas. Tal questão será retomada adiante.

Assim, advém um questionamento: o que está acontecendo com a educação? Por que os estudantes estão escrevendo tão mal a própria língua? Por que tantos estudantes não conseguiram atingir a mínima nota em um simples texto?

A resposta para tal problemática pode se encontrar na falta de leitura e de escrita, o que leva esse tema a nunca ser um assunto encerrado. E essa falta justifica-se, à primeira vista, pela nova era da comunicação. Os alunos não querem mais se comunicar regularmente por papel escrito, elaborar textos, ler livros literários, ou seja, parecem não se interessar pela escrita e pela leitura. A nova linguagem, denominada internetês, influenciou essa geração de tal forma que não cabe mais no mundo desses jovens estudantes os livros, revistas, textos impressos. Essa posição não é exagerada, visto os dados atuais serem desconfortantes tanto para professores, quanto para alunos e pais, enfim, para toda a sociedade esses resultados são alarmantes. As redes sociais, com sua nova linguagem, invadiram o mundo de forma rápida e sem aviso. É difícil uma casa onde não haja um celular, smartphone, tablet, ou notebook. E, caso não haja, certamente haverá uma lan

house por perto.

Obviamente, são inquestionáveis os muitos benefícios das novas tecnologias, mas também há prejuízos visíveis, principalmente na área da linguagem. Como benefícios, observa-se a rapidez do acesso às informações, a comunicação instantânea com outras pessoas do outro lado do mundo, a interação entre as pessoas nas salas de bate-papo, a interação entre campos diversos das ciências, a diminuição ou mesmo exclusão das fronteiras, etc. Como prejuízos, a solidão e depressão que atacam muitos jovens, que se isolam do mundo real para viverem no virtual; a facilidade dos malfeitores como os estelionatários com os constantes furtos a dados bancários, dados dos cartões de créditos, gerando prejuízos, o aumento exacerbado do número de pedófilos, que acham campo fácil para contatar com vítimas indefesas e inocentes, a venda de objetos ilícitos e, como não se pode deixar de citar, a (des)construção de uma nova linguagem que já influencia os usuários de forma nociva para a sua educação, pois ultrapassou os limites das telas passando essa linguagem para todos os textos impressos.

O que se questiona é a cultura do imediatismo, das informações rápidas em que não há mais fronteiras, pois as redes colocam em contato, em tempo real, pessoas de qualquer parte do mundo. O mesmo se dá com o ensino a distância. O uso dos meios de comunicação deve ser reavaliado pelo professor tanto nas aulas presenciais quanto nas aulas on-line. A preocupação dos docentes cresce no desconhecimento se um trabalho foi realizado com o ctrl c+ctrl v (copiou, colou) ou se foi feito pelo próprio aluno. O docente atual tem mais essa preocupação e deve se adaptar ao uso dessas novas tecnologias, trazendo-as para a sala de aula, mas sempre pensando em outro viés, o tradicional, no ensino da língua portuguesa, tanto no ensino a distância quanto no presencial.

Assim, este artigo pretende discutir sobre o uso dessas novas tecnologias na educação, principalmente no surgimento de uma nova linguagem, o internetês, enquanto influência no ambiente escolar, suas consequências para o ensino e os desafios enfrentados pelos professores, pois, como afirma Coscorelli (2006, p. 49), “o nosso grande desafio ainda é, por meio das novas tecnologias da informação e comunicação e/ou novas estratégias de ensino/aprendizagem, possibilitar a formação humana e a inclusão social”. E é essa a constante preocupação dos profissionais da educação:

formar seres humanos conscientes, justos, íntegros, com valores morais para viverem numa sociedade mais fraterna e voltada para o bem-comum e até que ponto essa migração da linguagem, do papel às telas, pode comprometer o processo educacional.

REVISÃO DA LITERATURA

A cultura do imediatismo e a construção de uma nova linguagem

Observa-se, atualmente, crianças clicarem os tablets, smartphones, jogando ou acompanhando imagens. É, sem sombra de dúvidas, a era da tecnologia. Nas palavras de Belloni (2012, p. 7):

O fascínio que estas máquinas exercem sobre crianças e adolescentes pode levar a situações de mania e/ou dependência, na medida em que as pessoas se desligam facilmente da realidade física e socioafetiva circundante para se ligarem em alguma dessas realidades virtuais.

Belloni (2012, p. 7, grifo nosso) continua informando que “o impacto do avanço tecnológico (...) sobre processos e instituições sociais (educação, comunicação, trabalho) tem sido muito forte, embora percebido de modos diversos e estudado a partir de diferentes abordagens”. Assim, é a partir dessa abordagem que se questiona o uso desta nova linguagem da internet e sua influência na educação. Nota-se a cultura do imediatismo, das informações rápidas, da troca de mensagens virtuais num ritmo tão acelerado que se torna difícil acompanhar tantas inovações em tão pouco tempo. A penetração dessas máquinas é incontestável em todos os setores sociais, nas esferas pública e privada.

As novidades surgem a cada dia: serviços de e-mail, chats, blogs, Orkut, Facebook, Twitter, WhatsApp, enfim, são inúmeras as opções de escolha para o internauta. Essa interação é boa para os jovens, há diversão e mesmo a busca de conhecimentos. Esses meios desenvolvem a mente, o raciocínio, a interação entre os jovens. O problema é o excesso, uma vez que, para os estudantes, de modo geral, o uso exacerbado desses meios de comunicação não é vantajoso, pois essa prática de escrita e leitura pode comprometer o uso recomendado para a escrita pela falta de contato com o papel, ou seja, os livros, os textos impressos. Essa prática

está levando à perda e/ou confusão das normas padrões no momento de uso.

Com todas essas mudanças, com o uso exacerbado dessas máquinas, principalmente o público jovem passou a utilizar uma nova linguagem, baseada em símbolos, abreviações, figuras de animais ou elementos da natureza, que, com movimento, chamam a atenção do locutor. Essa nova linguagem, chamada de internetês, tornou-se, de certa forma, padronizada, tornando-se uma ferramenta de uso constante, principalmente entre os jovens e adolescentes. O internetês diz de um neologismo que se refere à linguagem usada no meio virtual, onde há flexibilidade em relação à ortografia, caracteres e expressão da linguagem escrita.

A construção dessa nova linguagem atingiu de forma avassaladora principalmente aos jovens, que passaram a usá-la fora do ambiente virtual. Sabe-se que muito da escrita depende da memória visual. Assim, muitos jovens bombardeados por esse universo linguístico acabam se confundindo no momento da escrita, visto que nesse universo há mais flexibilidade e liberdade quanto à norma padrão da língua, visando praticamente à comunicação rápida.

Houve uma alteração na forma de lidar com o mundo escrito no papel, da linguagem padrão da língua portuguesa, devido à entrada desse novo mundo virtual. Algumas palavras foram abreviadas de forma divergente à ortografia, como em “naum” (não), “blz” (beleza), “neh” (né), “cmg” (comigo), “kd” (cadê), entre tantas outras.

Como já abordado anteriormente, muitos são os benefícios das novas tecnologias e dos meios de comunicação desta nova era. As redes sociais promovem mudanças. Observaram-se, nos últimos anos, milhares de pessoas reunidas, convocadas através de e-mails, messengers e redes sociais em manifestações nas capitais em nome de lutas e temas políticos. Muitos profissionais, em diversas áreas, comunicam suas ideias em tempo real, interagindo pensamentos e discutindo maneiras de solucionar problemas e dar novo andamento a projetos. Outro benefício são as inúmeras experiências educativas que envolvem aspectos cooperativos como projetos de Educação a Distância, que beneficiaram e continuam beneficiando milhares de alunos, superando as distâncias geográficas ao romper as barreiras espaço-temporais e oferecendo novas perspectivas de inclusão educacional a um grande contingente de participantes.

O internetês, ao ultrapassar as próprias

fronteiras, invadiu o mundo dos adolescentes de tal forma que eles escrevem o internetês em qualquer tipo de texto, parecendo não saber distinguir os ambientes próprios de cada tipo de texto. Todas as linguagens são possíveis, mas cada uma tem seu espaço próprio, assim como um guarda-roupa, em que escolhemos uma peça adequada do vestuário para cada momento.

Não é o caso de desconsiderar essa nova ferramenta, que deveria ter vindo para acrescentar, mas de saber usá-la no momento oportuno. Freire (1997) coloca que jamais devemos desconsiderar o que o educando traz de casa, sua vivência de mundo, devemos dar a ele sempre a oportunidade de falar, expor suas ideias e pensamentos, nunca desrespeitando sua linguagem e sua visão de mundo, ou seja, devemos considerar essa nova linguagem trazida pelo educando, discuti-la, valorizá-la. Mas, sem arrogância ou narcisismo oral, mostrar-lhe a importância de se aprender a linguagem padrão, a norma culta da língua portuguesa, como uma realidade que não pode ser ignorada. Ou seja, a internetês pode ser uma soma, um “a mais”, uma linguagem estudada, mas não a única, pois ela não é ímpar, não é singular, temos que reconhecer a importância da linguagem, a tradicional. A internetês é uma variedade da linguagem escrita e como tal, deve-se dar a essa variedade o seu lugar próprio, qual seja, as telas.

Assim, não é o caso de considerar um retrocesso os meios de comunicação, mais precisamente a internet. É o caso de saber empregá-la, nos momentos adequados e não de usá-la unicamente ou exclusivamente, como vem sendo usada, indiscriminadamente, por essa nova geração. Esse uso exacerbado está levando à ruptura com os modelos tradicionais de linguagem, com a escrita padrão, tão necessária em alguns momentos, como na produção de uma redação para o ENEM. A educação regular, tradicional é necessária, é um ato político e social, na medida em que figura como fator de ascensão e inclusão sociais. Nas palavras de Freire (1997, p. 23):

O mito da neutralidade da educação, que leva à negação da natureza política do processo educativo e a tomá-lo como um quefazer puro, em que nos engajamos a serviço da humanidade entendida como uma abstração, é o ponto de partida para compreendermos as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática astuta e uma crítica.

Assim, a partir das palavras de Freire (1997), percebe-se que as práticas que estão

sendo realizadas na atualidade, no que concerne à internet, são práticas ingênuas por parte dos jovens, que creem ser suficiente o manuseio desses meios como fonte de conhecimento, crendo que ali circulam infinitas informações, as pesquisas solicitadas pelos professores estão a apenas um click. Essa é uma forma de pesquisa, sim, mas não suficiente para que a educação plena se concretize. Freire (1997), ao mesmo tempo em que reconhece a educação como reprodução de uma ideologia dominante, a reconhece também como único fator de crítica a essa mesma ideologia, sendo, portanto, impossível uma educação neutra.

Marisa Lajolo (1993, p. 106) também faz referência a essa ideologia dominante e nos coloca que:

Numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de rendas e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade similar presida também à distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte destes últimos é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola.

Reconhece a autora que a ideologia dominante até na dificuldade de acesso aos bens culturais. E a intermediação do acesso a esses bens através da leitura, que mesmo com dificuldades, deve ser procurada, pois, como diz mais a frente, “ler, no entanto, é essencial” (LAJOLO, 1993, p. 106), já que:

Num contexto de um projeto de educação democrática vem à frente a habilidade de leitura, essencial para quem quer ou precisa ler jornais, assinar contratos de trabalhos, procurar emprego através de anúncios, solicitar documentos na polícia, enfim, para todos aqueles que participam, mesmo à revelia, dos circuitos da sociedade moderna, eu fez da escrita seu código oficial.

Não há como escapar da necessidade da leitura e da escrita. Lajolo (1993) cita atividades corriqueiras que dependem da mínima interpretação e leitura e, como fator preocupante dessa falta de interesse por essa atividade essencial no cotidiano, mais de 500 mil jovens não souberam defender, em apenas uma simples folha de papel, ideias básicas sobre um tema.

Diante desses cenários, a preocupação é a cultura do imediatismo, em que as informações invadem as telas e são absorvidas e esquecidas num click, denotando o cuidado que se deve ter com os dispositivos. Contudo, é preciso notar que:

para que o arsenal de bits, bytes e chips seja utilizado a favor da educação, é necessário conscientizar os responsáveis pela construção e implementação dos projetos de ensino/aprendizagem, para que haja uma redefinição do espaço da sala de aula enquanto ambiente de orientação metodológica e para que as categorias de avaliação, normalmente centradas no produto, sejam repensadas. (COSCARELLI, 2006, p.63).

Um dos problemas para se repensarem as técnicas do processo de ensino/aprendizagem é a rapidez com que os meios de comunicação avançam, em ritmo infinitamente maior do que as escolas e/ou educadores dão conta de acompanhar.

UNESCO e Enem: retratos da educação

Conforme enunciado anteriormente, em relatório divulgado pela UNESCO, o Brasil, entre os anos 2000 e 2015, só atingiu duas das seis metas propostas para esse período. São elas universalizar o acesso à educação primária (1º ao 5º ano do ensino fundamental) e a meta da igualdade de gênero, levando meninas e meninas às aulas em grande proporção.

Tais metas foram estabelecidas com 164 países, na Cúpula Mundial de Educação, ocorrida em Dakar, em Senegal. O objetivo geral era de que todos os países atingissem, no prazo de 15 anos, as metas propostas na época, quais sejam:

META 1 - PRIMEIRA INFÂNCIA

Expandir a educação e os cuidados na primeira infância, especialmente para as crianças mais vulneráveis. Entre os países, 47% alcançaram o objetivo e outros 80% quase conseguiram. Segundo a Unesco, o Brasil não atingiu a meta. O Inep contesta.

META 2 - EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Alcançar a educação primária universal, particularmente para meninas, minorias étnicas e crianças marginalizadas. Objetivo foi alcançado por 42% dos países. O Brasil cumpriu.

META 3 - JOVENS E ADULTOS

Garantir acesso igualitário de jovens e adultos à aprendizagem e a habilidades para a vida. Unesco diz que 46% dos países atingiram. O Brasil não atingiu essa meta.

META 4 - ANALFABETISMO

Alcançar uma redução de 50% nos níveis de analfabetismo de adultos até 2015. Apenas 25% dos países atingiram. O Brasil não atingiu, segundo a Unesco.

META 5 - MENINOS E MENINAS

Alcançar a paridade e a igualdade de gênero. Unesco diz que 69% dos países atingiram meta na educação primária e 48% no ensino médio. O Brasil atingiu.

META 6 - EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Melhorar a qualidade de educação e garantir re-

sultados mensuráveis de aprendizagem para todos. De acordo com o relatório, faltam 4 milhões de professores no mundo. O Brasil não atingiu essa meta (UNESCO, 2015).

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), autarquia do Ministério da Educação, contesta os números e vê grandes avanços no acesso à educação na pré-escola, no ensino profissionalizante e no combate ao analfabetismo. Assim como a baixa média obtida pelo país nas metas preestabelecidas há 15 anos, os brasileiros também obtiveram um baixo rendimento nas redações do ENEM em 2014. Foram mais de 529 mil redações com nota zero, normalmente produzidas por estudantes que acabaram de concluir o ensino médio. A que se deve tão baixo rendimento? O que levou tantos alunos a não tirarem a mínima nota exigida em uma redação?

Algumas respostas se fazem possíveis. Há muitos motivos para o professor atribuir nota zero a uma redação. Dentre eles, destacam-se: fuga ao tema, por não ter entendido a proposta e discorrido sobre tema diverso do solicitado; desobediência ao tipo de texto solicitado, por exemplo, o aluno escrever um texto narrativo em lugar de um dissertativo; incoerência textual, ou seja, o texto estava ininteligível, não se soube o que o aluno queria dizer, não havia sequência de ideias, talvez por falta de elementos coesivos entre elas. Certamente os problemas foram diversificados, mas certamente também possuíam algo em comum: era um texto fraco sob vários aspectos a ponto de não atingir a menor nota exigida. Mais de 284 mil alunos entregaram a redação em branco, ou seja, não escreveram nada, nenhuma linha sobre o tema. E pouco mais de 35 mil alunos obtiveram nota entre 901 e 999, número pequeno se considerarmos o universo de mais de 6 milhões de participantes.

Assim, o que chamou a atenção no último ano de 2014 foi o elevado número de alunos que obtiveram essa nota, ou essa “não-nota” zero. Desinteresse? Falta de estudos? Estuda-se apenas para passar de ano, como comumente se vê? Será que o tema “publicidade infantil em questão no Brasil” foi tão complexo para os estudantes? Tema sempre apresentado nos noticiários. Todos podem observar propagandas e novelas que envolvem crianças, programas de televisão dos quais crianças participam, exposição de crianças na mídia todo o tempo, o que são formas de publicidade infantil, entre outros. Isto revela que o tema é relativamente comum, de

fácil escrita. Infelizmente, nenhuma resposta será agradável, dados os vultosos números negativos, que não podem nem devem ser ignorados pela área da Educação.

Sabe-se que grande parte dos estudantes está superligada nas telas. É fácil constatar isso nas salas de aulas, muitos alunos levam tablets em lugar do caderno e o aproveitam para se comunicar no mundo virtual, passam mensagens pelo WhatsApp e outros dispositivos, acessam a internet, ou seja, essas tecnologias não estão sendo usadas na escola a favor da educação, mas na contramão dela, uma vez que os impedem de prestar atenção nas explicações ou de participar das discussões com outros colegas. A proliferação desordenada desses novos meios de comunicação, com seus aplicativos, está chamando a atenção de tal forma dessa geração que não há interesse por outras áreas.

Está faltando a antiga leitura. Lajolo (1993, p. 106) pontua bem:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos.

É redundante falar da importância da leitura. É consenso entre qualquer autor a ideia de que a leitura é fator primordial de educação da língua portuguesa. Luiz Carlos Cagliari questiona em seu livro *Alfabetização e Linguística* o que é ensinar português para pessoas que já sabem falar o português. Ao que ele responde que não é bem verdade que o aluno já sabe português: ele sabe umas coisas e outras não. Posiciona-se ele dizendo que:

O professor de português deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos em relação aos usos linguísticos, nas mais variadas situações de suas vidas (1997, p. 28).

Assim, pode-se observar que uma das situações da vida, na qual a escrita da língua portuguesa se faz necessária é quando se está prestando vestibular, almejando uma vaga em uma universidade e é necessário escrever uma redação para ser aprovado, sendo este um dos primeiros passos para a futura vida profissional.

Lajolo (1993, p. 33) também retoma esse pensamento, ao discorrer sobre os leitores, quando coloca que “do aluno obrigado a escrever uma redação que lhe garanta nota mínima na prova”, ou seja, foi o que não ocorreu nas provas do Enem 2014, quando mais de 500.000 jovens zeraram um simples texto. Enfim, qualquer que seja o motivo, os “zeros” de 2014 ficarão na história da educação do Brasil, como memória triste de uma educação que parece retroceder na contramão do conhecimento.

A escrita e a leitura na contemporaneidade: desafios ao professor

A citação de Monteiro Lobato para quem “um país se faz com homens e livros” encaixa-se bem neste início, para se falar de leitura e escrita. Esse hábito, que deveria se fazer na infância, é essencial, único, um dos maiores legados que os pais podem deixar aos filhos: cultivar esse hábito, incentivando-os com leituras, comprando revistas e livros de presente, lendo com eles, contando-lhes histórias, recontando histórias, enfim, dando o exemplo de leitura a ser seguido. E quem é um bom leitor, muito provavelmente, será um bom escritor, ou, ao menos, terá menos dificuldade na escrita, pois terá a memória visual dos vocábulos, a memória fotográfica das palavras, o acúmulo de ideias, a argumentação, pois o conhecimento se faz com as leituras, as análises críticas se desenvolvem à medida que se adquirem conhecimentos sobre o assunto e isso só é possível se informando sobre aquele assunto, lendo jornais, revistas, textos sobre o tema.

O novo desafio para os professores contemporâneos é abordar as estratégias de leituras, agora conectadas com as novas mídias, mais precisamente a internet. Esta deve ser uma ferramenta pedagógica a fim de propiciar uma interação entre professor e aluno. Quantos alunos hoje levam tablet para a sala de aula em vez de usar o tradicional caderno? É a nítida substituição do papel pela tela, da caneta pelo teclado. Assim, os sistemas de educação terão que dar respostas às novas demandas, a educação tende a crescer em número e em complexidade, pois, como diz Belloni (2009, p. 25), “elas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e fazem parte do universo dos jovens, sendo esta a razão principal da necessidade de sua integração à educação”.

Assim sendo, não há como os professores não utilizarem as novas tecnologias, especificamente a internet, com a sua nova linguagem, o internetês, visto a presença acirrada que essa mídia tem na vida cotidiana. Mas é realmente um desafio o uso dessas tecnologias atuais para antigos professores e novos alunos. Ainda nas palavras de Belloni (2009, p. 27):

(...) há grandes dificuldades na apropriação destas técnicas no campo educacional e em sua “domesticação” para utilização pedagógica. Suas características essenciais (...) são totalmente novas e demandam concepções metodológicas muito diferentes daquelas das metodologias tradicionais de ensino.

E continua:

Do livro e do quadro de giz à sala de aula informatizada e on-line a escola vem dando saltos qualitativos, sofrendo transformações que levam de roldão um professorado mais ou menos perplexo, que se sente muitas vezes despreparado e inseguro frente ao enorme desafio que representa e incorporação das tecnologias de informação e comunicação ao cotidiano escolar. Talvez sejamos ainda os mesmos educadores, mas certamente nossos alunos já não são os mesmos e têm uma relação diferente com a escola. (2009, p. 27).

Não será imediato o acontecimento em que novos professores surgirão sabendo fazer pleno uso dessas tecnologias. Há de se integrar esse novo ramo do saber às suas competências, essa nova linguagem ao seu cotidiano, sabendo-se que essa competência é específica, portanto, requer estudo, treino, planejamento para que os professores aprendam a lidar com essas novas ferramentas. Há de se trabalhar essa nova linguagem de maneira nova, considerando-a incorporada ao universo linguístico dos jovens, como usual, básica, reconhecida pela comunidade estudantil. A escola ainda não absorveu todas as novidades dessa carga tecnológica que cresce de modo inevitável com proporções exponenciais. Assim, quem educará os educadores para esse novo perfil? Como a escola lidará com os novos alunos? Professores ainda se fazem necessários?

José Carlos Libâneo, em sua obra *Adeus professor, adeus professora?* responde que professores são necessários:

Mas novas exigências educacionais pedem (...) um professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, (...) dos meios de comunicação. O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de

aprender a aprender, competência para agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias (LIBÂNEO, 2001, p. 10).

O professor nunca deixará de ser mediador do processo de ensino-aprendizagem. As mídias exercem cada vez mais domínio na vida dos jovens, mudando valores, interferindo em conceitos e atitudes, desenvolvendo novas habilidades cognitivas e, por isso, conforme Libâneo (2001), é necessária uma formação contínua de atualização científica nas disciplinas, bem como incorporação das inovações tecnológicas, interação com as mídias, além de ser necessários fortalecer as lutas sindicais em busca de salários dignos e condições de trabalho, é preciso reconfigurar as características da profissão docente na busca de sua nova identidade profissional.

Nas palavras de Kenski (2007, p. 106):

As alterações sociais decorrentes da banalização do uso das tecnologias eletrônicas de informação e comunicação e do acesso a elas atingem todas as instituições e espaços sociais. (...) Identificar quais as melhores maneiras de usar as tecnologias para abordar um determinado tema ou projeto específico ou refletir sobre eles, de maneira a aliar as especificidades do suporte pedagógico (do qual não se exclui nem a clássica aula expositiva nem, muito menos, o livro) ao objetivo maior da qualidade de aprendizagem de seus alunos.

O professor tem, assim, um árduo desafio pela frente: conciliar os meios tecnológicos com o saber tradicional, com a luta pelo hábito de leitura e desenvolvimento da escrita, pois sem esses requisitos essenciais - em qualquer área do conhecimento - o aprendizado se tornará mais difícil. Haverá necessidade de um aprimoramento pedagógico docente para a adaptação nesse novo processo de ensino-aprendizagem, que já chegou para ficar. É preciso conscientizar os discentes de que essa nova linguagem, esses meios de informação, são prazerosos, já essenciais para a sua vida, mas que é preciso saber lidar com as outras competências cognitivas.

Conforme coloca, Maria Luíza Belloni (2012, p. 19):

Neste futuro que já chegou, invadindo o presente, negar a noção de impacto das tecnologias sobre os processos sociais parece um artifício retórico para eludir o dilema com o qual a humanidade se defronta: o risco de se conformar com uma evolução simbiótica em que a máquina se confunde com o homem, e na qual o homem,

sujeito criador se (con)funde com o artefato que ele criou. Neste cenário sombrio, a tecnologia (...) passando de simples “aplicação técnica” do conhecimento científico à paradigma de conhecimento e fundamento de uma sociedade que está deixando de ser humana.

Nas palavras de Kenski,

A ciência hoje, na forma de tecnologias, altera o cotidiano das pessoas e coloca-se em todos os espaços. Dessa forma, transforma o ritmo da produção história da existência humana. No momento em que o ser humano se “apropria” de uma (parte da) “técnica”, ela já foi substituída por outra, mais avançada, e assim sucessivamente. (KENSKI, 2007, p.40).

Por isso, essas novas tecnologias são um desafio para os docentes, pois mal se aprende uma novidade outra surge e, há que se adaptar a todas, se quiser acompanhar os discentes atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os benefícios das novas tecnologias nas diversas áreas do conhecimento são inegáveis, mas o uso dessas novas tecnologias requer muito cuidado na utilização das informações colhidas através das redes, no manuseio sempre crescente desta ferramenta, no contato por tempo cada vez maior ao longo do dia, na praticamente dependência do homem com a máquina. Assim, o jovem se funde, (con)funde com a máquina? É preciso direcionamento aos jovens, na família e na escola, intercalar técnicas de aprendizagem, renovar estratégias, investir na formação do docente, para que haja uma interação entre os dois protagonistas do processo educacional, quais sejam, docente-discente.

A tendência da construção dessa nova linguagem é uma cadeia interminável de novos termos, novas abreviações, novos símbolos que surgem com muita velocidade. É a construção da linguagem das telas. Mas não é preciso, e não se pode e não se deve, desconstruir a linguagem escrita já existente. Há espaços para as duas coexistirem de forma pacífica (parece uma frase de países em guerra!). O que parece ocorrer, verificando os baixos níveis de aprendizagem e o número das estatísticas, é que, para a construção de uma linguagem, - a internetês -houve a desconstrução da outra - a linguagem impressa, escrita em papel, a linguagem dos livros de literatura, dos cânones. Essa linguagem não pode ser descartada, inutilizada, como se já não mais servisse aos seus propósitos, está ela sendo praticamente abandonada pelos jovens estudantes,

como se viu nas provas do ENEM. Deveria ser uma adição para que todos ganhassem. Ganhassem em conhecimento, enriquecimento vocabular, acréscimo de argumentos e ideias para fundamentar uma discussão textual.

A importância de os docentes incentivarem os alunos ao hábito de leitura e escrita é vital para o renascimento da linguagem tradicional, da linguagem escrita em livros. E esse docente independe de ter se formado com uma educação presencial ou a distância. Não é a presença ou ausência que faz um bom professor: é o interesse em pesquisar, a motivação para o aprendizado, a curiosidade de aprender novos termos, adquirir outros conhecimentos além dos de sua área, o que se obtém com leitura.

Assim, é necessário primeiramente que se capacitem constantemente os educadores para formar os educandos. É preciso que os dois sujeitos interajam, numa verdadeira simbiose educacional, pois são eles os sujeitos principais do processo educacional. É necessária uma valorização e valorização qualitativa de ambas as partes, cada um sabendo sua importância nesse processo, ciente de suas obrigações na escola, com o professor sendo mediador na formação de futuros cidadãos, jovens em fase de formação de valores, conceitos, atitudes.

Enfim, diante de todo o exposto, ficam algumas certezas: a sociedade mudou, os jovens mudaram, a era é, sem dúvida, a das novas tecnologias. E, frente a isso, não se pode fugir dessas inovações, que vieram com força total, para ficar. O problema não são as tecnologias, mas o uso que se faz delas, o espaço que ocupam na vida dos jovens.

Assim, na era da informação, comportamentos, informações, práticas e saberes se alteram num ritmo extremamente acelerado e, no afã de acompanhar essas novidades, essa geração jovem está usando excessivamente as máquinas, o que se torna vício e corrompe ideias, pensamentos, aprendizagens, tornando banalizadas talvez outras áreas. Necessita-se, sim, de mudanças educacionais urgentes e visíveis. A linguagem dos jovens passou do papel às telas e surgiram novas perspectivas no processo educacional. Boa ou ruim, a nova trajetória do ensino educacional obriga os docentes a se inovarem

para não ficarem na contramão da educação, não há mais como recuar diante dessa nova realidade tecnológica que se faz presente.

Faz-se necessário abrir-se para novas maneiras de educar, resultantes dessas mudanças propostas pela atualidade tecnológica. E o desafio básico é (re)ensinar os jovens “a ler e escrever”, interpretar, criticar, argumentar, expor suas ideias, conscientizando-os de que isso é fator vital para a sua inclusão social e para que não se repitam estatísticas tão lamentáveis no ensino brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6 ed. São Paulo: Ática/Unesco. 1995.
- BELLONI, Maria Luíza. **O que é mídia-educação**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2009
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.
- FREIRE, Paulo. **1921- A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 34 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2007.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática S.A. 1993.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- UNESCO. **Educação para Todos 2000-2015: somente um terço dos países alcançou os objetivos globais de educação**. 2015. Disponível em: http://en.unesco.org/gem-report/sites/gem-report/files/Global_PR_pt.pdf. Acesso em: 16 jul. 2015.